

Mamirauá: onças-pintadas sobrevivem na selva inundada

Categories : [Reportagens](#)

Deslizar a remo durante horas pela Amazônia inundada em um silêncio absoluto é como flutuar na floresta. Os únicos barulhos que interrompem a sinfonia da selva é o farfalhar do remo entrando na água e o insistente bip do receptor de rádio anunciando que podemos estar muito próximos de uma onça-pintada. Provavelmente o animal monitorado já nos espreita do alto de uma figueira, mas avistar o maior felino das Américas camuflado na mata densa é uma missão para quem tem o olhar aguçado.

A espécie de “caça ao tesouro” na busca pelas onças-pintadas na maior floresta tropical do planeta faz parte da rotina dos integrantes da Jaguar Expedition. O roteiro de turismo científico foi desenvolvido pelo Instituto Mamirauá em meio a Reserva de Desenvolvimento Sustentável de mais de um milhão de hectares, a 600 km de Manaus. Há 10 anos, pesquisadores do Instituto monitoram o comportamento das onças para desenvolver estratégias de conservação para o felino, uma das espécies brasileiras ameaçadas de extinção. A população de 10 mil onças que vivem na Amazônia caiu 10% nos últimos 27 anos, em razão da fragmentação do habitat e desmatamento, segundo estudo recente.

Em Mamirauá, o habitat dos felinos é peculiar. Ali, ano após ano, um mar de água encharca 1,1 milhão de hectare de floresta com uma sazonalidade infalível – e sem espantar o maior predador da selva. Acostumadas a caminhar quilômetros pelas trilhas da floresta, nesse período conhecido como várzea (de maio a julho), as cerca de 500 onças que vivem na Reserva permanecem em cima de figueiras e tepuís de 20 a 30 metros de altura. À noite, enquanto boa parte da floresta descansa, elas saem para jantar. Para garantir o menu desejado, se fazem valer do olhar apurado, dos movimentos cautelosos e dos reflexos rápidos e certos. Exímias nadadoras, se servem de jacarés-tinga, ou escalam árvores para abocanhar macacos distraídos. Este comportamento é considerado inédito, pois nunca foi descrito em outras partes do mundo. O esperado é que durante as cheias, os felinos migrassem para áreas secas da floresta. “Mas Mamirauá é uma ilha, então uma espécie que vive aqui dentro, teria necessariamente que cruzar o Rio Amazonas toda vez que a água subisse”, explica o pesquisador Emiliano Esterici Ramalho que lidera o projeto de monitoramento dos animais.

Clique nas imagens para ampliá-las e ler as legendas

No rastro das panteras

À frente do Projeto batizado de “lauretê”, o biólogo e sua equipe buscam responder questões básicas da ecologia da espécie para subsidiar as ações de conservação. O trabalho envolve entrevistas com os moradores das comunidades ribeirinhas de Mamirauá, análise de vestígios, como pegadas e restos de presas, e monitoramento através de colares de telemetria GPS/VHF. Para isso os pesquisadores precisam seguir os rastros dos animais durante o período da seca pelas trilhas de terra firme. Nessa época, fazem a captura dos animais que vão ser estudados durante um ano. Ao todo, oito onças já foram acompanhadas de perto pelos estudiosos que sobrevoam a floresta e obtêm as coordenadas dos animais com receptores de radio VHF. Só então, com dados aproximados sobre o lugar onde as feras estão zanzando, eles saem de barco pela selva adentro, remando entre a copa das árvores, já que durante as cheias a água sobe até 12 metros de altura. Com as informações levantadas, é possível analisar como a espécie usa o habitat, quais suas presas prediletas, se ela está se aproximando ou não das comunidades da reserva. “Quanto mais informações tivermos sobre a espécie, mais fácil será protegê-la”, explica Emiliano. Segundo o cientista, a descoberta sobre o comportamento das onças de Mamirauá reforça a importância da preservação das florestas de várzea para a conservação dos felinos.

Clique nas imagens para ampliá-las e ler as legendas

Expedição e avistamento